

Lopes, Quintino (2020). *Uma periferia global. Armando de Lacerda e o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra (1936-1979)*. Lisboa: Caleidoscópio, 176 p., ISBN 978-989-658-698-0

Entre os anos 30 e 70 do século XX, funcionou, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Laboratório de Fonética Experimental. A sua história é indissociável da do seu diretor, Armando de Lacerda, responsável pela criação do Laboratório, que não sobreviveu à sua aposentação, em 1972. É esta história que Quintino Lopes reconstitui na obra recenseada.

O autor filia o seu trabalho em «actuais agendas historiográficas [que] advogam a importância dos *outsiders* na produção e circulação do conhecimento» (p. 27), considerando o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra um exemplo de «excelência científica na periferia» (p. 53), que contraria modelos (dominantes) que defendem «a ideia de transferências unidireccionais de saberes e práticas científicas do centro para a periferia» (p. 27). O título da obra, *Uma periferia global*, feliz recriação de um título de G. Gemelli, reflete essa conceção e traduz de forma expressiva o que esta instituição e o seu mentor representaram no mundo científico.

Quintino Lopes «descobriu» Armando de Lacerda no âmbito da sua pesquisa de doutoramento, em que se debruçou sobre o papel da Junta de Educação Nacional no financiamento da ciência em Portugal, tendo em vista a convergência científica com a Europa. É fácil compreender o fascínio do autor por este cientista, com um percurso ímpar nos estudos linguísticos em Portugal. Armando de Lacerda licenciou-se em Filologia Germânica na Universidade do Porto e, em 1931, iniciou, com uma bolsa da JEN, a sua especialização no Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Hamburgo, tendo sido convidado para prosseguir a investigação no Instituto de Fonética Experimental da Universidade de Bona, onde se manteve até ao verão de 1933. Durante a sua estadia na Alemanha,

inventou dois instrumentos de registo sonoro para análise de sons de fala – o labiógrafo-inscritor-oral e o policromógrafo –, que constituíram, à época, um extraordinário progresso no domínio da fonética experimental, por permitirem a identificação dos efeitos de coarticulação e maior precisão na segmentação de sons.

A notoriedade internacional da sua investigação justificará a solicitação de orientações para a instalação de um Laboratório de Fonética em Portugal, que, em 1932, lhe é feita pela JEN. O Laboratório de Fonética Experimental será criado pelo Decreto-lei n.º 26994, de 10 de setembro de 1936, financiado pelo Instituto de Alta Cultura e será, desde os seus primórdios, uma infraestrutura de referência internacional no seu domínio, sendo considerado um espaço com «esplêndidas instalações técnicas» (p. 47), classificado pelo seu diretor como «o terceiro do mundo» (p. 50). No novo edifício da Faculdade de Letras, inaugurado em 1951, o Laboratório ocupa dez salas, toda a ala poente do piso 2, equipadas com a tecnologia mais avançada da época.

Durante as décadas em que esteve em funcionamento, o Laboratório foi um polo de atração de cientistas provenientes de geografias diversas, alguns deles nomes incontornáveis da Fonética e da Linguística, que aí desenvolveram investigação em estadias longas ou em visitas mais breves. Foi também um modelo seguido noutras instituições internacionais: Armando de Lacerda tem um papel fundamental na montagem do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade da Bahia, dirigido por Nelson Rossi, que antes tinha estagiado em Coimbra; é também convidado para instalar um «Gabinete de Fonética Experimental» no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, equipado com os instrumentos de que foi inventor.

O declínio e desmantelamento do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra ocorre na sequência da aposentação do seu diretor, em 1972. Apesar do reconhecimento internacional e do caráter inventivo, inovador e pioneiro da sua obra (em todas as suas dimensões), não houve investimento num quadro de investigadores que lhe dessem continuidade. Por outro lado, não se estabeleceu um diálogo entre o estudo experimental da fala e os estudos de linguística teórica e descritiva que eram desenvolvidos na Faculdade de Letras, que poderia ter permitido a sobrevivência do Laboratório.

Para escrever a história do cientista e da sua obra maior, Quintino Lopes socorreu-se de documentação abundante e muito diversa, assim como de fontes orais. «Correspondência particular, fotografias, cartões-de-visita, requerimentos, pareceres, ofícios, facturas, recibos, passaporte, imprensa, certificados, relatórios, publicações, instrumentos científicos, desenhos, diários e memórias» (p. 141) foram pesquisados em numerosos arquivos, muitos deles arquivos familiares, a que afortunadamente teve acesso

privilegiado, pois, de outro modo, não lhe teria sido possível apresentar a dimensão múltipla do «genial e afável» (p. 143), nas palavras de Francis Millet Rogers, Dr. Armando de Lacerda.

A obra está organizada em oito “partes”, que apresentam facetas particulares da biografia científica do foneticista, uma introdução e um epílogo. Inclui ainda três textos introdutórios: «Fonética Experimental, Linguística e Engenharia nos anos de 1930», do foneticista Francisco Lacerda, faz um enquadramento da obra de Armando Lacerda; «Laboratório, materialidades e História da Ciência», de Maria de Fátima Nunes, integra o estudo na perspetiva historiográfica seguida; finalmente, «Na inversão da rota do esquecimento», apresenta um testemunho pessoal e afetivo de um descendente do biografado, Paulo de Lacerda, que, na busca do reconhecimento do seu familiar, (re)descobre a grandeza da sua obra.

As oito partes do livro estão organizadas de forma semelhante: são introduzidas por um texto que apresenta a temática do capítulo e, nas páginas seguintes, são tratados factos, opiniões, objetos que se enquadram no tema, sempre acompanhados de fotografias ou reproduções de documentos de diversa natureza, em que o texto se assemelha a uma legenda alargada. Apesar de os capítulos não serem constituídos por uma sequência textual única, o leitor apreende o seu sentido e reconstitui a biografia, que o texto multimodal torna mais vívida.

Na parte I, «Um pioneiro da fonética experimental», apresenta-se a investigação inicial de Armando de Lacerda, com incidência nos instrumentos de registo de sons de fala que criou, que constituíram um avanço tecnológico importante e que estão na base do seu prestígio internacional. A parte II, «Os portugueses [...] possuem o melhor estabelecimento para os estudos de fonética que [...] existe na Europa: o de Coimbra», debruça-se sobre a criação do Laboratório de Fonética Experimental e a excelência das suas condições técnicas. Na parte III, «Para além da “excelência científica na periferia”», refere-se a atratividade do trabalho no Laboratório junto de cientistas estrangeiros. A difusão dos métodos e instrumentos criados por A. de Lacerda por instituições estrangeiras é objeto da parte IV, «A internacionalização da escola de investigação de Armando de Lacerda». A internacionalização é também o foco da parte V, «Outros itinerários e redes de comunicação em ciência», que menciona participações em congressos, convites de universidades estrangeiras, troca de correspondência com pares. A parte VI, «O território rural como laboratório», incide sobre o trabalho de campo com vista a recolhas para o Arquivo Sonoro dos falares regionais portugueses. A parte VII, «*Ethos* científico» reflete a vertente ética do seu trabalho e, finalmente, a parte VIII, «Resistência, resiliência, ressentimento e (o apagar da) memória», expõe as resistências, dentro da Faculdade de Letras,

ao trabalho desenvolvido no Laboratório e o ressentimento de que era alvo o seu diretor, que têm o seu corolário no encerramento e desmantelamento do Laboratório, após a sua aposentação.

Armando de Lacerda é uma figura injustamente esquecida da ciência portuguesa e, muito particularmente, pela Universidade de Coimbra. Esta obra de Quintino Lopes vem resgatá-lo desse esquecimento.

ISABEL PEREIRA

Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

mipp@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0003-3553-366X>